

# Margem Simulada

António Teixeira e Castro



# AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

---

A poesia em formato digital terá o mesmo  
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da  
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,  
agora, dar o passo para além dos limites do  
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e  
construir o seu livro. Também ele cúmplice  
desta batalha pela poesia que não pode ter  
fronteiras, nem barreiras.

*Elefante Editores*

---

**«Os ocultos errados  
como os ocultos certos.  
Amados  
e abertos.»**

**Pedro Tamen  
(Poemas a Isto)**

*Dedico este livro:*

*ao meu terno e admirável filho;  
a meu pai adoptivo Teixeira e Castro, à tia Zé;  
ao Francesco e à Paula;  
ao Pedro e à Catarina pelas suas afinidades para  
com os princípios do amor e da liberdade;  
à Ritinha e ao André; Carlos Saraiva Pinto;  
aos meus irmãos e minha mãe;  
Leal Freire; Sofia Meneses; Isabel Osório;  
Fortuna; Leitão; Maria Eduarda Castro;  
a todos os que me receberam até hoje com o carinho  
que as palavras não sabem ainda dizer;  
Aos simples entre a multidão!*

## Nota Breve

---

Esta Margem Simulada é agora real. Está, ao chegar aos vossos olhos, vossos sentidos, definida a margem e o seu conteúdo, a sua dor e o seu ânimo, a memória que também é presente, visionária, que me atçou a escrever este poema em prosa que vos entrego. Que sobre ele pese a vossa análise...

Margem Simulada foi escrita de um só jorro, vai para um ano, aproximadamente, ficando fossilizada sobre a página, cumprindo o rigor das intempéries mentais dessa mesma noite em que as mãos se cuidaram no assassinato de algumas imagens e semearam outras possíveis.

Surge assim, um ano depois, graças à boa vontade do Editor Nunes Carneiro que desde o primeiro momento lhe deu o valor que nunca poderei decifrar.

Está aí. É vossa!

Convidei de novo o Arq. Francesco Cancelliere para ilustrar este poema, pois há nele um traço que me surpreende e se compromete com alguns momentos da minha escrita. Fico-lhe grato por ter acedido de novo ao meu convite.

Está aqui o que sei oferecer. Sempre em nome da alegria, do amor e com muita esperança num mundo onde a cultura seja o caminho para a total emancipação do homem.

Deste que vos estima, um afectuoso abraço.  
António Teixeira e Castro

## Margem Simulada

---

Não vou construir o abismo na margem decepcionada das palavras onde os escravos cambaleiam como pródigos assessores da morte. Nem perecer servo e acorrentado às ninfas defensoras de um sexo traumatizado por séculos de penetração impotente. A culpa é uma causa que me educa e me escolhe e eu não sei que janela aberta trago no peito para que ela se ofereça na sua máscara enganadora que me faz escorregar na tentação de a creditar.

A vida é um poço de chamuscas e tu chamuscas ao acaso esta dor solidária com os muros da cobardia onde as crianças não trepam por sentirem o rasto dos camaleões mutantes da intolerância. O corpo manso das esferas desliza pelo teu ventre rasgado nos espelhos onde se escondem as facas assassinas perpetuadas no enredo das heras assim como nas tuas mãos violentadas em horas despertas de absintos melancólicos. Tu transformaste teu sexo de criança em sitiadas cavernas de gnomos açaimados pela ideia de deus esse cósmico ilusionista retaliador que se insurge sem visibilidade dispondo pelas rochas ensanguentadas a virgindade perdida nos cascos dos cavalos mansos decepados na hora de Guernica quando ainda o pintor preparava a tela branca que sobressaltada iria exigir perfurações de guerra.

E foi por essa altura que perdido o sémen das borboletas e de outros voadores o verbo desafiou o objectivo dos espelhos propondo uma harmonia de arco-íris nas chagas das

escarpas que dividem o rio como máscaras  
gémeas da vingança que outrora te  
alimentarou até ao vício inoperante da loucura.  
Tu deixaste que eu te refizesse o corpo e  
retomasse o livro das sílabas traídas para  
suster teu desejo de vingança no teu escravo  
procriador. Que o que te dói é uma imensa  
alegria de dor que também é uma raiva viciada  
sem expressão credível para que entenda onde  
sai a  
borboleta do passado e se alimenta o verme  
do destino que vais cumprindo como uma  
missão nas promessas erradamente declaradas  
a N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> de Fátima e outras senhoras que  
desconheces. Ironia tudo isto. A voz que ouves  
é chama de  
além que não sabe o trajecto para a rua da  
paisagem sólida. Morrer não te dá proveito  
nenhum. Antes de nascer é que te deviam ter  
pensado e não o fizeram porque a cruz não  
deixa A vida é a vida mesmo que porca e  
ajeitada por venenos de confissões. Não. Não  
te digo que serei feliz se na noite me abrires o  
interior da ilusão e cobrires com o ventre a  
minha tristeza já confiscada por outros ainda  
mais infelizes mais tensos e reduzidos à  
perseguição de fantasmas. Entravas pela tarde  
nos oráculos da imaginação como ave  
escorraçada dos beirais da alegria onde jazem  
agora manjericos enfadonhos de cinza e os  
homens cultos urinam nas portas onde vivem  
os despojados de tempo e amor.  
Na noite de artifício presenteavas os que por ti  
se roçavam ávidos de subornar teus seios  
desfraldados na transparência da túnica de  
Judas com a veleidade do vento a dizer-te  
corpo de ser o que a terra lhe indica e sorrias  
aos demais afastando dos olhos as mulheres  
que te censuravam com seus filhos.

Esses lúdicos seres de momento que dignificavam o seu corpo e a destreza selvagem de expelir com avidez o fruto herdado numa noite junto ao cais de pé confortando a natureza desejosa com esperma herdado dos ancestrais guerreiros da glória e do caos. Um dia entrou pela tua casa dentro o unicórnio das visões trágicas e sobre teu dorso desferiu inocentes cavalgadas relembrando em ti as ninfas violadas pelos profetas da cicuta cobarde que em frescos perfeitos de angélica sabedoria decretavam o massacre dos inocentes vitimados pelo desprezo dos deuses absolutos e pelos homens feitos. Há razões para crer que as deformações físicas sejam pecado e a realidade um cometa indesejável.

os olhos submissos. Sendo assim os homens de deus ateavam as fogueiras e o medo para purificar as outras mulheres como tu e os homens que dormiam dormindo sobre o rosto de seres que davam à noite o que ela lhes pede. Vivemos séculos de transição absurda e por decreto continuam a existir fantasmas para o que é belo e se deve dar ou roubar no momento certo em que o corpo é uma metáfora de seda prestes a formar o casulo onde se lavram palavras de incêndio e desejo. E as bocas são ocas no instante em que acendes o cigarro esquecido sobre os lábios como aviso para bocas mais errantes ou desejos menos esclarecidos. Não há memória para os inocentes do amor nem fundura para Tu na sobriedade de teus olhos enquanto penetrada olhavas o castiçal de fogo que se erguia pelas paredes mortíferas de salitre ajudando em golpes de ancas o macho insaciável golpeando com as unhas o negro

crucifixo em que apoiavas os seios e a dor que te elevava ao reino das vestais silenciosas na arte de amar. Já não lembro mais que teu corpo foi arrancado às formas limitadas da margem simulada pela rigidez dos loucos avarentos internados em bares de poluição construída pelos aromas de emancipação virtual. Por descuido e embriaguês de cálculo entrei na noite da memória assanhada por fantasmas de lúdicas pretensões esvaziando o corpo em regaços imundos de mulheres cósmicas de

na sua liberdade antes da formulação dos compêndios que anulam o sonho de sermos a linha consumada do desejo. imbecilidade.

E sem jeito lá me ia perpetuando em carícias abstractas escolhendo nestes olhos enxutos rasgados de beleza o sentido das fixações dessas mulheres putas de literatura barata sem perceber que te ia olhando petrificado como lobo extinto. Tu coçavas-te nas frases feitas olhando a luz que se alimenta da mendicidade da alma dando suspiros na borda do copo que escondes de quando em quando por baixo do balcão e onde o dono desse bar ou dessa morgue vai deitando a conta gotas barbitúricos excitantes para renderes mais umas horas. O que nos resta é só um destino. A leveza dos sentidos exaltados na tábua de algumas palavras iludidas Dizias-me que as tardes sofrem de vertigem e há verdades que não podes dizer enquanto habitares o mar de corpos que te dão o rascunho para apagares a fome e que entendes e sabes na pele quando se desprende



da terra o húmus claro da nostalgia transposta agora por pedantismo lubrificado em doses de cultura académica para grandes computadores sapientes de futuro e credibilidade em que alguns assassinos de poemas firmam o seu trágico enredo messiânico. Eu que ainda me ando a visitar dizia que te basto te chego e sobro para um amor que posso inventar fora das regras do jogo. Tu não acreditavas e ainda bem porque eu também não e sou mesmo assim esta nulidade preenchida por alçapões de infantilidade. O meu tempo de nascer veio junto ao teu mas o mar à entrada da boca do rio despiu-nos o trajecto comum e lá fomos sozinhos cumprindo a violência dos nossos dias até quebrarmos contra os cascos harmoniosos da gratidão que o silêncio nos deixa.

Arrancava-te dolorosamente pedaços de pele suspensa nos cantos das unhas enquanto devorava as tuas nádegas cansadas de frio com os meus lábios remendados de paixões traídas. Penosamente fazia-te doer para que retomasses a contemplação do meu infortúnio. E já o tempo desatava a morrer na pele cansada pelo Agosto das praias onde famílias que não nos eram nada ofereciam ao mar o lixo de uma hibernação milenar.

As terras do norte são as melhores para semear ódios e tempestades de lágrimas vazias de vento onde as águias num desprezo absoluto pela dignidade dos homens cercam os ninhos com giestas bravas como teus cabelos que em círculos defensivos se agigantam pelo teu quarto na hora em que todos os mortais te procuram para saciar a honra jurada nos casamentos comprometidos por taças de ouro contrastado.

E esses homens babam-se por terem o nome numa academia ou numa sala de associação

onde legitimam a sua imbecilidade e mau carácter coçando as interioridades com lentes e câmaras fotográficas como quem sabe tudo e foi à puta da guerra para matar e depois ilustrar povos pretos que não entendem nada de civilização para seu bem mas são na terra os mais próximos e menos organizados e são felizes no culto e na destreza de surpreender a fera que matam e veneram com a simplicidade dessa coisa a que chamam equilíbrio biológico e nós dois dizemos que é a humanidade dos seres sem explicação nem cálculo de probabilidades.

Esses presidentes ou mandatários insalubres pobres e arrefecidos de sensibilidade agigantam as mãos que nenhuma mulher como tu quer pois que sabes e comes um homem na fundura do seu olhar bebendo-lhe o suco visual e a dúvida. Esses pobres infelizes a quem a palavra falta sempre e nunca estão como deviam se é que se pode estar onde não se pertence. Presidentes da desconexão levam e lavam as mãos na rubrica enaltecadora que destrói o papel selado e são felizes por cobardia e maus porque não os amam nem tiveram filhos por tesão e ardor. Tiveram extractos de contabilidade bancária que os sogros deixam para destino da corrupção. Abandonada numa morte feliz como atalho para a fuga à ponte sem margens repartes os olhos por carentes animais enforcados no sacrifício dos homens abandonados aos jardins de papel onde as aves são folhas de vidro laminado por temporais de cólera. Nós somos uma linguagem virtual e gestual que se depara com o incêndio e o distrai. Somos talvez a boca que nunca o morango comeu ou o vinho adornou para enaltecer o vazio de se saber imperfeito na boca de homens sujos de



interioridade e remorso. Somos o que cristo queria na sua subida ao calvário e tu a Madalena que chora sobre o lenço salgado da desdita e mesmo assim ama dois mil anos de brutais injúrias.

O infortúnio de Sade é a virtude do nosso olhar.

Somos e serão mais alguns a camisa de noite do infortúnio e a nódoa crismada da inocência aos invertermos a lógica criando a linguagem gestual que permite a virgindade e a proclamação do amor mesmo nos lugares onde estão aqueles que dizem sermos o que essa liberdade condena. Queremos um espaço sem margem nem refúgio que construa a sua conduta no exemplo dos pássaros em voo de acasalamento. Mas ninguém sabe de nós por bem do nosso pequeno mundo e do gato que não pode morrer à fome se formos em fila indiana preencher o esgoto das repartições públicas onde nos sujam o dedo que acaricia a alma com tinta negra para matar a alegria da criação.

Deixei sobre o manto da ambição a máscara das paisagens queimadas o ser que se resta a si mesmo por contágio com o vazio em redor das igrejas desocupadas de crianças onde os sinos enferrujados pela desdita da glória não chegam aos céus que num turbilhão de incertezas e contrastes cósmicos abrem a expectativa da explosão sensual...

Em redor das imagens proibidas suspensos corpos de fascínio decantam o sangue usado nas festividades onde o teu corpo foi usado de mão em mão na liberdade dos poderosos e mesmo assim nada resta que possa apagar a sede desses olhos arrependidos de deixarem



passar o tempo da virilidade por entre  
mortalhas de sal que é o corpo ingrato das  
suas mulheres que são como carne de  
contrabando tarifadas e salgadas em pipas de  
mercadores levados a morrer na linha de um  
horizonte em chamas e agora entediados  
lançam simulacros de desdita sobre os artífices  
e sobre os que vão ao céu porque tudo é  
possível na rota do amor e estabelecem  
normas gerais criando a cidade dos refractários  
que exercem o comando das

cores e definem a noção de luz ou sombra.

Por compromisso com a poética do desejo os  
homens morrem no momento em que se  
tornam um só sentido na palavra. Compreendo  
essa luz eu que não sei onde acender o fósforo  
repentino para uma ilusão. A luz que inaugura  
o teu corpo avultado de amantes serenos a  
quem pertencem algumas palavras de carinho  
e poemas de ódio cinzelados na escuridão dos  
mochos que de asas quebradas soltam o rato  
que destrói o ninho onde nos cobrimos dessa  
palha feita vida. Essa luz que não se compra  
emana da fragilidade infantil com que  
entendes o desespero dos corpos  
transtornados que te escolhem e tu declamas  
sublimes lambendo-lhes o suor do tesão.

Apagando em troco  
de uma cerveja mal fermentada a contenção a  
que os sujeitam as suas mulheres procriadoras  
sem vícios de amor.

Vi o teu rosto estampado nos jornais  
mundanos onde te diziam prostituta sem  
destino nem emenda e mais não diziam porque  
talvez na entrevista saciaste a curiosidade  
física do jovem que te retratava ou porque a  
lentidão das palavras ditas sugeriu alguma



piedade e reflexão. Ao ler o teu mundo que se tornou de todos não chorei de raiva nem bebi mais nenhum copo de Baco mas parti para o campo onde não se ouve já o melro de Junqueiro pois morreu após a velha profecia do Padre-Cura: "não paga o pai paga o filho é a doutrina da igreja estou vingado". Nem vi carvalhos rodeados de Judeus nem ciganos pintando de preto o burro

roubado.

Tudo estava pintado de indiferença com azulejos de Sacavém mostrando o título de propriedade e a bandeira nacional ao lado da Americana da Belga e da Suíça onde também em tempos lavaste pratos para pagar o curso de Ciências Humanas de que tens diploma não no consultório

mas nos olhos no corpo e nas vestes encardidas de tédio e medo.

Os teus poemas são a carne que utiliza o suor como elemento de claridade e a saliva como estupefaciente para os admiradores incultos da arte da memória que é a única arte que nos leva ao interior do mundo. Quando sofrias falavas dos outros e da merda da política que eu defendia. Dizias que iria ver um dia onde estavam os traidores a esse Abril que venerava. E lá estão de facto traidores e acomodados muitos que fervem no garrote das acções bancárias e que tais e na venda das mulheres no mercado de valores. Vais ver que no teu partido há pulhas e que ser comunista não é ser do teu partido é ser mesmo o que se é na abertura para a vida.



Tive um cliente que era de Direita convicto e chorava quando passávamos na rua e uma velha lhe estendia a mão que ele recusava e dizia louco e impotente que esta merdice tem que mudar pela estrutura de base. Vês. O mundo não é um gabinete onde chegam opiniões deste ou daquele. É vê-lo na força do contra-senso e da inquietação. As sombras fixaram-se na tua memória como tatuagens de Sífilis e já não vais ao outro lado da ponte porque todos os hotéis da outra banda têm agora catálogos de emoções escolhidas através de belas fotografias reproduzidas em laboratórios clandestinos e os homens comem trajes em vez de carne. Ouvi-te gritar contra mulheres e percebi o rumor da tua raiva humilde que sabe o que é a vida.

Gritavas poemas inventados nas frias calçadas do desencontro e defendias os homens como objectos indefesos já que essas mulheres empossadas de cartazes de incontidas severidades linguísticas contra os machos que se tornam domésticos na incoerência de uma partilha de trabalhos desgastantes e desprezíveis para quem sabe que peças e ornamentos da casinha familiar estão lá para respirarem o pó já que ele existe e tem os seus direitos legitimados nos álbuns de família que é um maravilhoso abrigo e um triste enredo para a vida que de dia para dia vai morrendo de nojo quando se beijam homem e mulher na despedida ou chegada do emprego onde não se tem condições para pensar em nada nem na raiva que está nos projectos de audiência televisiva.



Gritavas pelo absurdo de tudo aquilo e elas não entendiam que não há homens nem mulheres mas sim seres e coisas e que é preciso queimar as coisas para ficarem elas os seres que passarão a ter vida e luz. Se me ocorre de novo o teu nome saio pelos trajectos definhados do entardecer e vou molhar a boca no beco da imundice que prolifera de tascos reservados ao nome inferior dos vencidos mas não suporto a comichão que abrasa o corpo e busco de novo a sapiência da terra que ainda me diz alguma coisa nos seus olhos escondidos no chumbo de zagalote premeditado. Possivelmente viveste sempre na margem seduzida da esperança e eu porque te amo e me entendo no que te dou venho a estas páginas atear o fogo e a provocação romper o equilíbrio à margem simulada.



# ÍNDICE

Nota breve.....	4
Margem simulada.....	5



Colecção

# digit@lmente

*Título:* **MARGEM SIMULADA**

*Autor:* **ANTÓNIO TEIXEIRA E CASTRO**

*Edição em Formato Livro:* **1999**

*Edição em Formato Digital:* **Junho de 2020**

Em 2020, a Coleção Digitalmente acolheu todo o acervo da editora para uma melhor leitura online.

© **Autor e Elefante Editores**  
para esta edição digital

*Contacto:*  
**elefante@elefante-editores.net**



Ideias e Paixões que vamos descobrindo  
em cada livro e em cada palavra

**[www.elefante-editores.co.pt](http://www.elefante-editores.co.pt)**

Editores de Poesia desde 1997